



**ATRAVÉS DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL EM AULAS DE GEOGRAFIA,
ALUNOS ESCREVEM A SUA PALAVRA E (RE)CONSTRÕEM O SEU ESPAÇO.**

Marcelo Guglielmi Leite/UFRGS
marcelo_geoufrgs@yahoo.com.br

**UTOPIA E MOTIVAÇÃO: AS AULAS A QUE ASSISTI, O QUE OS
ALUNOS ME DISSERAM E O QUE PRETENDO.**

“Admitindo-se que a verdade seja feminina – não haveria alguma verossimilhança ao afirmar que todos os filósofos, enquanto forem dogmáticos, não sabem como lidar com mulheres? Que a trágica seriedade, a indiscrição inoportuna com que até agora estavam acostumados a conquistar a verdade não eram meios pouco adequados para cativar o coração de uma mulher? O que é certo é que essa não se deixou cativar – e todos os dogmáticos têm hoje um semblante triste e desencorajado. Se é que tem um semblante qualquer!” (Nietzsche, 1885, p.15).

Pretendo, aqui, falar sobre o ensino e a aprendizagem de Geografia. A Geografia, por si só, inclusive quando não é matéria escolar é muito rica em seu potencial de nos fazer ver o mundo de maneiras diversas. Digo isso porque tudo é Geografia (pois tudo e todos ocupam espaço) e, se não é, pode ser, basta querermos vê-la da maneira como percebemos cada aspecto que se faz presente em nosso cotidiano. O amigo Nestor Kaercher geografiza nesse sentido:

“Se mostrarmos que este espaço está impregnado de sua (**nossa!**) ação, que fazemos Geografia no nosso dia-a-dia, através do trabalho, que é a constante relação sociedade-natureza, então teremos mais chances de realizar um diálogo **real** entre professores e alunos.” (Kaercher, 1998, p. 77, grifos meus).

O cotidiano, provavelmente, é o mais fiel porta-voz da Geografia – a própria Geografia e seus “conteúdos” têm um imenso potencial de serem apenas desculpas para nos aproximarmos mais dele, de nossos alunos, de nossas aulas e de nós mesmos! Neste último

ponto, creio eu, é que ainda não chegamos, e, seria, o limiar em se pensar na escola como um lugar prazeroso e com o qual o aluno se identifique positivamente. Para isso, precisamos tentar (lamento ter de “chover no molhado” outra vez) fazer com que nossas aulas sejam mais interessantes aos olhos deles, custa muito? Neste momento, quem melhor nos referencia são eles próprios, os alunos: são o nosso guia, nosso “termômetro”, nos dizem coisas que jamais em algum livro iremos encontrar, pois apontam que algo está errado, e como está! Sinto-me inquieto, e vocês, meus leitores, não irão parar de me ver dizer obviedades enquanto estas não entrarem na escola. Aliás, o que observo há tempos (inclusive quando aluno de escola fui) que o que é óbvio ou ao menos parece, em educação, não entra na escola, infelizmente, apenas nos currículos de quem o escreve. Muitas destas pessoas sequer entraram em sala de aula para observar, parar, olhar em volta e pensar no que acontece lá dentro, que, sem medo de intuir, creio que é o que se repete “lá fora” depois. Falo das obviedades positivas, ou seja, daquelas que partem de uma tomada de consciência a partir de erros, aquelas que, em teoria, deveriam servir como base para as efetivas ações em busca de uma mudança para melhor. Todos nós sabemos de tudo isso, mas... nós fazemos? Nós praticamos? Nós impedimos que as desculpas sejam apenas vazias? Estes são questionamentos que eu gostaria de deixar a todos. Nas aulas a que assisti as respostas para estas perguntas foram simples e objetivas: não. Todavia, por que não? Porque os problemas de aprendizagem, no caso destas aulas, denotam muito mais um problema de ensino? Perguntando com uma pergunta-resposta: “Porque quando estamos na escola é tão difícil conciliar aprendizagem com alegria/prazer?” (Kaercher, 2003, p. 105).

PETRÓLEO Logo, o que nós, professores de Geografia estamos fazendo em aula para que isso aconteça? O que queremos com nossas aulas? Interessa a nós reverter esse quadro de descompasso entre alegria/prazer? Surgiram-me estes questionamentos de duas fontes: as aulas a que assisti e o que os alunos destas turmas, com os quais conversei, me disseram. Assisti a algumas aulas de turmas de Geografia (5ª série) e de Estudos Sociais (4ª série) em duas turmas de duas escola públicas (uma estadual e uma municipal) do município de Gravataí, na Região Metropolitana de Porto Alegre. Mesmo tratando-se do “pequeno” universo escolar gravataiense, as questões observadas são reincidentes de outras situações/épocas, muitas das quais vivenciei, inclusive, como aluno.

Não podemos ser hipócritas: há iniciativas, sim, mas estas se restringem

(infelizmente) a movimentos pontuais, a gritos em meio a uma multidão silenciada, a “agulhas no palheiro”... é óbvio, mas não posso me privar de dizer que ainda há muito o que se fazer.

O que vi nas aulas é uma Geografia que perpassa décadas - sendo tudo em sala de aula e representando todos os papéis dentro do universo “escola” possíveis, menos...Geografia! Sim, vi aulas em forma de “decoreba” (4ª série), vi os velhos (novos) questionários copiados do livro didático no quadro para serem entregues ao fim de cada período (4ª e 5ª série), e então pergunto: isso é dar aula de Geografia? Vi cópias de textos no quadro vindos (ou não, pois ocorreu várias vezes) do livro didático sem o professor, sequer, em cinquenta minutos de aula, ter dito uma palavra aos alunos! (5ª série) Nem que fosse um “bom dia” ou um “e aí, cara, é gremista ou colorado?” ou, ainda, “tudo bom, meninas? Como foi o fim de semana de vocês?” Descaradamente, falta isso que estamos fazendo agora, diálogo, o primeiro passo para que se construa um ambiente de prazer/alegria (estudo). Uma referência, nesse caso, é nossa consciência, claro, pois quem em pleno juízo discordaria de que isso é positivo para a educação? Embora sendo óbvio, eu insisto, pois mesmo assim, isto não se vê entrar na escola: carinho, afeto e paixão pelo que fazemos, mesmo que ganhemos uma salário de fome no final do mês, mas, sem isso, jamais poderemos ajudar a construir e intuir nos alunos este tipo de consciência para tornarmos nossas aulas mais interessantes e para que possamos, primeiro, fazer com que a escola (nem que ao menos seja apenas nossa aula de Geografia) seja um “lugar” para o aluno, um “espaço do fazer” (Santos, 1996), e do fazer com “prazer”! Em segundo lugar, para que possamos, estabelecida essa harmonia, criar condições para que juntos, nós, alunos e professores, possamos aprender. Digo isso porque não acredito que haja a aprendizagem de um aluno sem uma constante, mútua e permanente aprendizagem do professor. Como vou ensinar algo e continuar ensinando isso se não continuo aprendendo? E eu, como aluno, confio num professor que continua me ensinando, mas parou de aprender? Tendo estes questionamentos como cenário e, a partir daí, propondo não só como idéia de se praticar algo “diferente do habitual” em sala de aula, mas também como uma proposta de tentativa de nos aproximarmos cada vez mais de aulas mais prazerosas e interessantes do ponto de vista da aproximação do aluno com a sala de aula (mais prazerosas e interessantes não só para os alunos, mas também para os professores), proponho a utilização da Literatura

Infanto-Juvenil como recurso didático em aulas de Geografia no Ensino Fundamental. Observei que tal proposta e sua prática podem colaborar para que, este aluno, num processo de construção de suas impressões, percepções e de sua visão sobre o Espaço Geográfico, através da Literatura Infanto- Juvenil, tenha a oportunidade de dizer sua palavra (num processo dialógico) e (re)construir seu espaço.

UTOPIA E PREOCUPAÇÃO: A LITERATURA INFANTO-JUVENIL PARA DIZER A SUA PALAVRA E (RE)CONSTRUIR O SEU ESPAÇO.

No Ensino Fundamental, nós, professores, independentemente da área, temos a tarefa de colaborar para desenvolver as habilidades de ler, interpretar e escrever em nossos alunos. Para tanto, é importante salientar que é fundamental, para incentivar seus alunos a ler, que o professor tenha o permanente hábito de leitura, não só de jornais e revistas, mas também de livros, seja para utilização em sala de aula, para informação ou para o “mero” (e valioso!) enriquecimento do conhecimento. Quanto aos alunos, um importante passo é a criação de espaços e horários para que os alunos leiam coisas que eles mesmos tragam consigo e que lhes agrade, seja revista, jornal, livro, história em quadrinhos ou qualquer material ou texto sobre qualquer assunto que seja, sempre, do interesse deles, pois só assim podemos criar em nossos alunos gosto pelo hábito de leitura: através da leitura, por parte deles, de assuntos do interesse deles. Ao final destas leituras, de cada período de aula, o professor pode pedir para que os alunos contem o que leram e realizem espécies de pequenos debates sobre os temas que irão surgindo, por mais “fúteis” que possam parecer alguns temas, estes, não são o foco principal da questão, mas, sim, a oportunidade dada aos alunos para que expressem suas idéias e opiniões, para que elas entrem em cheque, em conflito, e, desta forma, para que cada um oportunize ao outro a possibilidade de dizer a sua palavra e simultaneamente, construir e reconstruir sua visão de mundo através de um processo de conscientização. Freire, por exemplo, acompanha-me neste momento:

“A consciência do mundo e a consciência de si crescem juntas e em razão direta; uma é a luz interior da outra, uma comprometida com a outra. Evidencia-se a intrínseca correlação entre conquistar-se, fazer-se mais si mesmo, e conquistar o mundo, fazê-lo mais humano” (Freire, 2005, p. 15).

Certamente, surgem ótimas discussões no grupo de alunos, basta o professor ter o tato em direcionar perguntas que instiguem reflexão, divergência de opiniões e crítica (re)construtiva para os alunos. Onde podemos chegar com isso? A um dos pontos centrais de nossa discussão: tirar a exclusividade da palavra da figura do professor e partilhá-la com os alunos, ou seja, oportunizar que estes digam, escrevam, enfim, expressem aquilo que têm a dizer sobre o mundo. Ouvir e conhecer mais nossos alunos, é uma visão a qual não estamos acostumados como professores, os ditos “detentores” do saber, mas lembra-nos de que só ensina quem aprende algo para... ensinar! Kaercher, novamente, me dá luz no sentido de ressaltar a importância dos alunos lerem, escreverem e dizerem a sua palavra (dar o seu recado, mostrarem, discutirem e (re)construírem sua visão de mundo:

“...“dar aulas” não tem sentido suficiente para eles superarem a visão de que nossa ciência (Geografia) é um amontoado de informações genéricas, de duvidosa utilidade. Segundo: *politicamente nossa prática é conservadora*, produtora de uma cidadania apática, calada, contemplativa que não consegue superar o senso comum da política como algo distante de nós – “coisa de ladrão”. Apenas descrevemos o mundo. Precisamos ir além: (...) precisamos exercitar nossos alunos a escrever, ler e dizer a sua palavra em sala de aula e nas aulas de geografia. (...) *Ok*, sei que nossos alunos “não gostam de ler”! Mas não falo apenas de ler palavras, livros! Falo de ler o mundo. (Kaercher, 1998, p. 75, parênteses meus).

Nossas crianças, e sabemos muito bem disso, têm muito a dizer, confiemos neles para que, dessa forma, confiemos em nós, professores deles, para que crie-se uma relação de confiança e, conseqüentemente, o clima de alegria/prazer, da qual falei anteriormente, tão necessária (e desejada) por nós, professores, em sala de aula. Tentemos fazer, então, com que isso seja o mínimo possível utopia e o mais próximo da realidade e deixemos de ser

profissionais imóveis e “assalariados” para nos tornarmos “assalariados”, “ativos”, e, sobretudo, tenhamos a esperança e a atitude de sermos “humanos”, tal como nos julgamos. Por isso, novamente, faço minhas as palavras de Freire, quando diz “eu sei que não posso continuar sendo humano se eu faço desaparecer de mim a esperança e a briga por ela. (...) No momento que você perde a esperança você cai no imobilismo” (Freire, 1993, p. 9).

Notoriamente, não ter no que acreditar e pelo que lutar, priva qualquer um de se quer, cogitar qualquer possibilidade de mudança e/ou nova ação, quanto mais que isso seja posto em prática. Portanto, na tentativa de ser o máximo possível “móvel” e “esperançoso” na prática pedagógica a qual me propus para a realização deste trabalho, julguei ser interessante a utilização da literatura infanto-juvenil em sala, pela própria sugestão de alguns alunos das turmas que apliquei a atividade, durante algumas observações de aula que realizei antes desta.

Inicialmente, pensei em ler as histórias e debater os “conteúdos geográficos” que inevitavelmente apareceriam nas mesmas com os alunos, mas concluí que poderia estar correndo o risco de cair na perigosa armadilha de ficar procurando conteúdos forçosamente dentro das histórias e acabar usando, deste modo, estas histórias como conteúdo dado e, além disso, estar indo na direção contrária da minha própria bandeira levantada: ouvir e conhecer mais os alunos, direcionar perguntas para que estes possam pensar sobre “suas” respostas e (re)construam sua visão de espaço/mundo. É importante que estas perguntas permeiem relações como que espaços a história mostra? Como são esses espaços? Que olhar sobre sociedade aparece nesta história e quais as classes sociais retratadas? São perguntas não apenas para direcionar a atividade, mas para termos a rica oportunidade de ouvirmos cada vez mais nossos alunos e, assim, “aprender” com eles, aprender... para ensinar e continuar ensinando.

Além disso, estas perguntas balizadas nas histórias infanto-juvenis trazem consigo possibilidades de discussão que estão muito além do que simplesmente estar enquadradas nos conhecidos conteúdos de população, economia e meio-ambiente. Há histórias infantis e infanto-juvenis ótimas para pensarmos para além dos conteúdos programáticos e não necessita a utilização da literatura para que se vença o conteúdo, ou seja, com a excessiva (e desnecessária) preocupação de prender esse “fazer pedagógico” obrigatoriamente dentro da

matéria ou assunto que queremos abordar em sala de aula. Kaercher me estende a mão novamente quando diz que “não existe material geográfico. Pode-se trabalhar Geografia a partir de qualquer coisa” (Kaercher, 2004, p. 297). E não apenas podemos trabalhar Geografia, Estudos Sociais ou qualquer outra disciplina escolar através da literatura infanto-juvenil como, melhor ainda, temos a oportunidade de trabalhar, sem a maçante e, eu chamaria também, de “estraga prazeres” procura inicial pelos conteúdos dentro das histórias. Isso é da nossa naturalidade de professor, querer, mesmo dentro de propostas diversificadas, como esta, querer encaixar os conteúdos de nossas disciplinas dentro dos materiais, idéias e atividades propostas. Isso é positivo, idealista, mostra comprometimento e vontade de criação por parte do professor. Porém, isso pode cortar criatividade, cortar descobertas.

As histórias infanto-juvenis ultrapassam muito além os limites dos conteúdos escolares e, em determinados momentos, essa percepção da própria característica da história em si e das lições que ela pode dar para cada um dos alunos pode ser muito mais valiosa do que “o que eles podem tirar de Geografia desta história”.

Como eu disse anteriormente, vamos direcionar, fazer perguntas, instigar palavras, opiniões, deixemos que nossos alunos façam a desejada procura pelos aspectos e conteúdos dentro das histórias. E com a correta orientação e instigação eles fazem, mesmo que sejam resistentes inicialmente, mas como estamos cansados de saber, eles têm potencial, basta provocá-los.

UTOPIA E PRÁTICA: COMO FOI A PRÁTICA PEDAGÓGICA COM LITERATURA INFANTO-JUVENIL EM AULAS DE ESTUDOS SOCIAIS (4ª SÉRIE) E DE GEOGRAFIA (5ª SÉRIE)?

Vejamos, então, o exemplo de resposta dada pelo aluno que mais me marcou nas atividades realizadas dentre as histórias.

Propus aos alunos de cada turma, tanto a de Estudos Sociais quanto a de Geografia, uma atividade que foi realizada em dois dias (duas aulas). A tarefa consistia

em que eles lessem pequenos trechos em poucas páginas de cinco histórias clássicas da literatura infanto-juvenil: Chapeuzinho Vermelho e O pobre e o rico (Wilhelm e Jacob Grimm), a Geografia de Dona Benta (Monteiro Lobato), As Viagens de Gulliver (Jonathan Swift) e O Pequeno Polegar (Charles Perrault). Após a leitura, pedi que as crianças pensassem sobre os espaços existentes nas histórias, e solicitei duas tarefas: a primeira, que desenhassem esses espaços e a segunda, que pensassem novos e diferentes espaços para as histórias, escrevendo e desenhando sobre eles.

Usarei, portanto, como exemplo, um trecho Chapeuzinho Vermelho, dos Irmão Grimm, e a interpretação que mais me chamou atenção, realizada por um aluno menino de 5ª série.

Chapeuzinho Vermelho – Jacob Grimm e Wilhelm Grimm.

Era uma vez uma menina chamada Chapeuzinho Vermelho, que tinha esse apelido pois desde pequenina gostava de usar chapéus e capas desta cor.

Um dia, sua mãe pediu:

- Querida, sua avó está doente, por isso preparei aqueles doces, biscoitos, pãezinhos e frutas que estão na cestinha. Você poderia levar à casa dela?

- Claro, mamãe. A casa da vovó é bem pertinho!

- Mas, tome muito cuidado. Não converse com estranhos, não diga para onde vai, nem pare para nada. Vá pela estrada do rio, pois ouvi dizer que tem um lobo muito mau na estrada da floresta, devorando quem passa por lá.

- Está bem, mamãe, vou pela estrada do rio, e faço tudo direitinho!

E assim foi. Ou quase, pois a menina foi juntando flores no cesto para a vovó, e se distraiu com as borboletas, saindo do caminho do rio, sem perceber.

Cantando e juntando flores, Chapeuzinho Vermelho nem reparou como o lobo estava perto...

Ela nunca tinha visto um lobo antes, menos ainda um lobo mau. Levou um susto quando ouviu:

- *Onde vai, linda menina?*

- Vou à casa da vovó, que mora na primeira casa bem depois da curva do rio. E você, quem é?

O lobo respondeu:

- *Sou um anjo da floresta, e estou aqui para proteger criancinhas como você.*

- Ah! Que bom! Minha mãe disse para não conversar com estranhos, e também disse que tem um lobo mau andando por aqui.

- *Que nada - respondeu o lobo - pode seguir tranqüila, que vou na frente retirando todo perigo que houver no caminho. Sempre ajuda conversar com o anjo da floresta.*

- Muito obrigada, seu anjo. Assim, mamãe nem precisa saber que errei o caminho, sem querer.

E o lobo respondeu:

- *Este será nosso segredo para sempre...*

E saiu correndo na frente, rindo e pensando:

(Aquele idiota não sabe de nada: vou jantar a vovozinha dela e ter a netinha de sobremesa ... Uhhmm! Que delícia!)

Chegando à casa da vovó, Chapeuzinho bateu na porta:

- Vovó, sou eu, Chapeuzinho Vermelho!

- Pode entrar, minha netinha. Puxe o trinco, que a porta abre.

A menina pensou que a avó estivesse muito doente mesmo, para nem se levantar e abrir a porta. E falando com aquela voz tão estranha...

Chegou até a cama e viu que a vovó estava mesmo muito doente. Se não fosse a touquinha da vovó, os óculos da vovó, a colcha e a cama da vovó, ela pensaria que nem era a avó dela.

- Eu trouxe estas flores e os docinhos que a mamãe preparou. Quero que fique boa logo, vovó, e volte a ter sua voz de sempre.

- *Obridada, minha netinha* (disse o lobo, disfarçando a voz de trovão).

Chapeuzinho não se conteve de curiosidade, e perguntou:

- Vovó, a senhora está tão diferente: por que esses olhos tão grandes?

- *É prá te olhar melhor, minha netinha.*

- Mas, vovó, por que esse nariz tão grande?

- *É prá te cheirar melhor, minha netinha.*

- Mas, vovó, por que essas mãos tão grandes?

- *São para te acariciar melhor, minha netinha.*

(A essa altura, o lobo já estava achando a brincadeira sem graça, querendo comer logo sua sobremesa. Aquela menina não parava de perguntar...)

- Mas, vovó, por que essa boca tão grande?

- *Quer mesmo saber? É prá te comer!!!!*

- Uai! Socorro! É o lobo!

A menina saiu correndo e gritando, com o lobo correndo bem atrás dela, pertinho, quase conseguindo pegar.

Por sorte, um grupo de caçadores ia passando por ali bem na hora, e seus gritos chamaram sua atenção.

Ouviu-se um tiro, e o lobo caiu no chão, a um palmo da menina.

Todos já iam comemorar, quando Chapeuzinho falou:

- Acho que o lobo devorou minha avozinha.

- Não se desespere, pequenina. Alguns lobos desta espécie engolem seu jantar inteirinho, sem ao menos mastigar. Acho que estou vendo movimento em sua barriga, vamos ver...

Com um enorme facão, o caçador abriu a barriga do lobo de cima abaixo, e de lá tirou a vovó inteirinha, vivinha.

- Viva! Vovó!

E todos comemoraram a liberdade conquistada, até mesmo a vovó, que já não se lembrava mais de estar doente, caiu na farra.

"O lobo mau já morreu. Agora tudo tem festa: posso caçar borboletas, posso brincar na floresta."

Pedi aos alunos, tanto da 4ª série de Estudos Sociais quanto da 5ª série de Ensino Médio, que desenhassem o espaço do trecho de história lido e que desenhassem novamente um outro diferente espaço para esta história, ao gosto de cada um e que escrevesse um parágrafo explicando esse “novo” espaço desenhado para a história. A atividade foi muito rica em todos os sentidos, principalmente no quesito diversificação de espaços escolhidos para substituir os espaços das histórias. O que mais apareceu em termos de desenho foi a rua onde os alunos moram, seguido pelo bairro onde moram e pela escola, ou seja, são os espaços de vivência deles.

Podia aqui descrever inúmeros desenhos e parágrafos, mas isso demandaria dias, logo, escolhi para fazê-lo aquele que, na minha opinião, além de mais arrebatador, foi o mais crítico do ponto de vista de possibilidade de se trabalhar análises sociais. A tarefa a qual me refiro foi realizada por um aluno de 5ª série, da Escola Estadual do município de Gravataí, região metropolitana de Porto Alegre, uma das quais realizei este trabalho.

A história de Chapeuzinho Vermelho de João – nome fictício que atribui ao aluno – começa com a menina de capuz vermelho adentrando numa rua de uma cidade, cercada por casas, como aparece claramente na ilustração do menino. De repente, aparece o “Lobo mau” dentro de um carro, abrindo a janela, sacando uma arma de fogo e distribuindo tiros para todos os lados, acertando alguns homens que estava na calçada aos olhos de Chapeuzinho Vermelho, que assistia a tudo.

Este foi o “novo espaço” que João escolheu para ilustrar a história, agora, sua história. O parágrafo do menino? Bastante sucinto, bem como descrevi. De acordo com João:

“Chapeuzinho Vermelho estava brincando no meio da rua, aí veio o Lobo Mau de carro atirando nos homens maus que estavam na calçada, conversando”.

Um “tiro”, levei eu, o professor em questão, me deparando com a história do menino. Curioso, fui indagá-lo sobre a idéia e o porquê da mesma. Eis o segundo “tiro”. João diz:

- Ah, eu vi uma história bem assim professor. Eu tava brincando na rua aí os donos da boca estavam conversando na calçada, e aí veio um cara de carro, abriu a janela e saiu atirando neles.

Sem mais palavras, agradei o aluno pela explicação. Ricardo Azevedo, poeta brasileiro, me acompanha nesta hora e certamente diria que são “vidas a esmo ricocheteando no espaço feito bala perdida” (Azevedo, 2008, p. 23). Aproximando-se do que digo, além disso, devemos:

“Estimular novas visões dos lugares que vivemos ou que conhecemos via mídia (e via Literatura, fotografia, etc.), pensar como vivem os diferentes de nós – não têm nossa língua, cultura, religião, etnia, classe social, etc. – são tarefas que cabem a nós, geógrafos (também professores de Geografia e Estudos Sociais). Para assim, não apenas diminuir a nossa ignorância, mas também para nos aproximarmos mais dos diferentes de nós. Saber mais sobre o outro ajuda-nos a entendê-los melhor, e o que é melhor ainda, ajuda a nos entendermos melhor”. (Kaercher, 2004, p. 306, parênteses meus).

Concordo com Azevedo e Kaercher, mas são mais do que isso, são humanos, sendo humanos, como nós ou, pelo menos, como temos de ser se quisermos conhecer melhor nossos alunos, nossas aulas, nossa prática, e porque não, a nós mesmos?

CONSIDERAÇÕES FINAIS (INICIAIS)

A brincadeira com o título deste tópico alerta para um trabalho que embora tendo concluída esta primeira experiência, abre a porta para uma continuação, em função dos resultados que julgo riquíssimos em todos os aspectos.

A Geografia Escolar, por sua vez, oferece um rico mundo de possibilidades para trabalharmos em sala de aula com nossos alunos, basta vontade, curiosidade, coragem, imaginação e, acima de tudo, amor. É fundamental, e não podemos deixar de ressaltar a importância de ouvirmos mais nossos alunos e termos, assim, não só a humildade, mas aproveitarmos a oportunidade de aprender com eles, aprender para poder ensinar. Nossos alunos são nossos maiores professores,

nossa melhor companhia em sala de aula. Na experiência que relatei, com a literatura infanto-juvenil em aulas de Geografia de 4ª e 5ª séries do Ensino Fundamental, a imaginação ajudou os alunos a pensarem em novos espaços, novos momentos para as histórias. Desta forma, colaborando para que, além da própria história em si, pudessem eles refletirem sobre seus espaços, seus lugares, sua vida, e a vida dos colegas. Conhecendo o outro e suas experiências, através da Literatura infanto-juvenil em aulas de Geografia, alunos escrevem (e dizem) a sua palavra e (re)constrõem o seu espaço.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Ricardo. **Feito bala perdida e outros poemas**. 1ª Ed. São Paulo, SP. Ática, 2008.

FREIRE, Paulo. **Nós podemos reinventar o mundo**. Revista Nova escola. São Paulo, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 40ª Ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2005.

GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. **A Chapeuzinho Vermelho** in *Contes de Grimm*, 1812.

GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. **O Pobre e o Rico** in *Contes de Grimm*, 1812.

KAERCHER, Nestor André. **A Geografia serve para entender a água, o sangue, o petróleo... Serve para entender o mundo, e, sobretudo, a nós mesmos!** *Ciência Geográfica*. Bauru, 2003.

KAERCHER, Nestor André. **Ler e escrever a Geografia para dizer a sua palavra e escrever o seu espaço** in NEVES, Iara C. B. et al. *Ler e Escrever compromisso de todas as áreas*. 1ª Ed. Porto Alegre. UFRGS, 1998.

KAERCHER, Nestor André. **Pra viajar no cosmos não precisa gasolina: o ensino do Rio Grande do Sul na Geografia e as transformações espaciais** in VERDUM, Roberto;

BASSO, Luís Alberto; SUERTEGARAY, Dirce. Rio Grande do Sul Paisagens e Territórios em Transformação.. 1ª Ed. Porto Alegre. UFRGS, 2004.

LOBATO, Monteiro. **A Geografia de Dona Benta**, São Paulo, 1935.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**, 1885.

PERRAULT, Charles. **O Pequeno Polegar**, 1697.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4ª Ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

SWIFT, Jonathan. **As Viagens de Gulliver**, 1726.